

Vignelli: uma lenda viva

Entrevistamos um dos mais influentes e reconhecidos mestres do design gráfico internacional. O homem é um dos pilares desta atividade que é prima da arte. Leia e deleite-se

Nascido em Milão, Massimo Vignelli estabeleceu-se em Nova York, no meio da década de 60, com Leila, esposa e sócia, para tornar-se uma lenda do design. Sua linguagem é minimalista, buscando "pertinência e atemporalidade" para clientes como American Airlines, metrô de Nova York, Bloomingdales, Knoll, Lancia, Cinzano, IBM, Fiat, inúmeras publicações e os principais museus do mundo. Oferece identidade corporativa, embalagens, desenho gráfico, arquitetura, interiores — enfim, design. Em São Paulo recentemente, para aprovar o projeto definitivo do novo prédio da Escola Panamerica de Artes, da qual é consultor, falou sobre seu trabalho e o fim de uma era.

Revista da Criação — Qual é o seu diferencial?

Massimo Vignelli — A vantagem de não ser grande e a razão pela qual nunca tivemos mais de quarenta pessoas na empresa é porque podemos estar diretamente envolvidos em tudo o que fazemos. Além disso, para nós, a solução do problema sempre está no próprio problema e nunca fora dele. Nisso somos bastante diferentes da publicidade, que está mais propensa às tendências e cuja natureza é a mudança. Buscamos uma solução atemporal. Não gostamos da idéia de desenhar algo transitório e descartável, mas sim de criar valor que dure por muito tempo. Sentimos responsabilidade por nossos clientes. Pela sociedade. Entendemos, também, que o design é parte integrante do processo de produção. Não é algo em que se possa pensar depois, no final, para embelezar o que já se tem. Isto é importantíssimo. Você não pode culpar o cozeiro por sua morte.

RC — Como é trabalhar tanto tempo com a própria esposa?

MV — Para mim o problema é exatamente o oposto: como alguém pode trabalhar sem a esposa? Sempre trabalhamos juntos. Muitas vezes digo que sou o lápis e ela o cérebro.

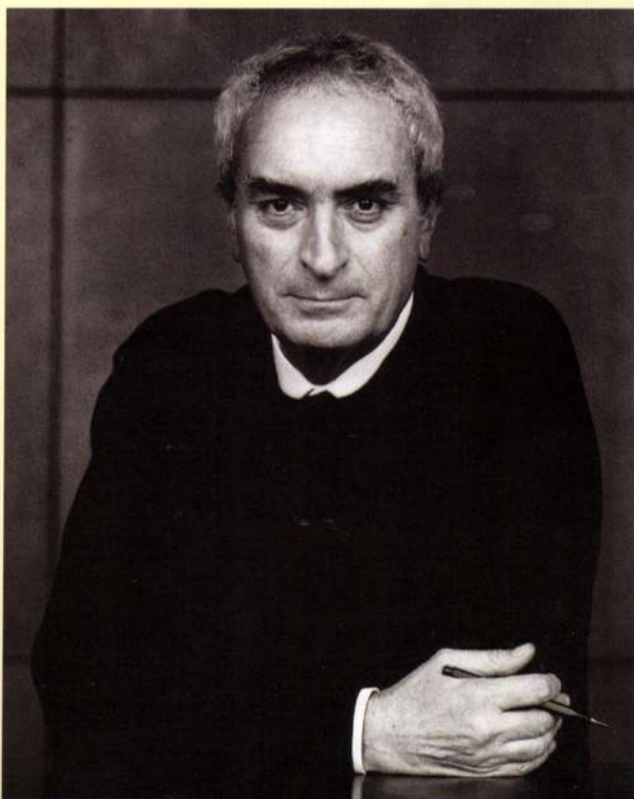
RC — Para quem tira o chapéu na atualidade?

MV — Aldo Rossi morreu recentemente. Era um tremendo arquiteto. Phillippe Starck, Dieter Rams e todo o trabalho desenvolvido para a Braun. É típico do design alemão, do qual eu tanto gosto, minimalista, subtraindo, e também muito rico e bonito. Em grafismo, também gosto dos suíços, porque há disciplina e um senso de propósito sobre o que estão fazendo. Não há modinhas, não há frescuras, e têm uma certa dose de modéstia profissional. Gosto de Tadao Ando, da sua simplicidade. É super japonês,

com uma maneira diferente de pensar e de dar valor às coisas. Niemeyer. Visitei o Ministério da Educação, no Rio de Janeiro, e, de verdade, arrepiei. Uma emoção que talvez tenha sentido três, quatro vezes na minha vida.

RC — Phillippe Starck?

MV — É muito divertido e tem uma tremenda quantidade de energia criativa. Gosto muito dele. É inteligente, criativo e francês, bastante francês. Os franceses têm a cultura do bizarro, diferentemente dos alemães, que são mais protestantes culturalmente.



Massimo Vignelli

Stark é refinado, é europeu, com algo da cultura da diversidade, da mudança, típica dos norte-americanos.

RC — David Carson?

MV — Neste mundo em mutação, Carson polariza as possibilidades que o computador oferece e faz o que faz, como uma forma de arte, sem cumprir o papel do design. Importante é a excitação visual causada. Nenhum problema se dissesse que é um artista trabalhando com uma mídia nova, mas dizer-se designer gráfico é confundir um pouco as coisas. Por isso reclamo quando elegem Carson um modelo, porque não o é. Não pode ser um modelo.

RC — Soa como se propusesse uma ética?

MV — Claro, ter ética é extremamente importante. Responsabilidade social com relação à sua profissão. A palavra design vem sendo banalizada. Se ficar experimentando com o computador, à David Carson, é design gráfico, eu não sou um designer gráfico. O que fazemos poderia talvez ser chamado de arquitetura

gráfica, mas tampouco é isso. Sei lá. Me parece que estamos com falta de nomes, mas talvez não seja assim tão acidental. É possível que nossa profissão, como ainda a entendemos, esteja fadada a acabar. Talvez uma nova vá aparecer, enraizada no conceito de multimídia e tudo aquilo.

RC — As novas tecnologias atrapalham o design?

MV — Pelo contrário, é a melhor coisa que podeira ter acontecido. Por um lado, estamos fazendo os melhores trabalhos de nossas vidas. Por outro, o computador também permite que pessoas sem qualquer background possam colocar tipos em uma página. Isto é o que vem dando má fama ao computador. Eu ainda desenho tudo a mão.

RC — Nada de computador?

MV — Leva tempo para aprender a usar bem o computador, e eu não o tenho. Fico atrás de algum operador e minha linguagem é reduzida a "mais para cima e mais para baixo, mais para a direita e mais para a esquerda". E é isto. "Tente alguma outra cor; não, voltemos à anterior" ou "este é o vermelho que quero", etc.

RC — Há alguma implicância?

MV — O computador é uma ferramenta, como o pincel, o lápis. Conhecer a ferramenta é importante. Observe os japoneses. Entender o pincel e descobrir a variedade de coisas que se pode conseguir com essa ferramenta. A pressão da mão, a quantidade de tinta, o tamanho do pincel, o tipo de cerdas que são usadas. São tantos detalhes, até com algo aparentemente simples como o pincel. Não sou um grande fã de truques e efeitos especiais e, para mim, conhecer o computador não é tão importante assim. Como já disse, faço parte do fim de uma era.

RC — Ajudou ser italiano em Nova York?

MV — Já era razoavelmente conhecido na Itália, antes de me mudar para os Estados Unidos. Fui bem recebido. Cheguei com uma linguagem gráfica diferente e tive tempo de refiná-la. Fazíamos um tipo de design estrutural, dividindo o pôster em bandas de informação, limitando o tamanho das fontes, contrapondo letras pequenas com letras grandes, coisas que não eram feitas nos Estados Unidos à época. Trouxe uma visão mais arquitetônica do design. Havia um outro tipo de estilo, mais influenciado pelo trabalho de Lubalin, Dorfsman, Bruno Munari. Nos anos 30 e 40 muita gente emigrou rumo aos Estados Unidos, como Lionni, Brodovitch, que trouxeram uma visão européia à América. Mas, nos anos 60, eu fui o único a desembarcar. E isto foi um tremendo impacto. Por um lado, foi uma